

I

No pino do Verão, começaram a acontecer coisas extraordinárias numa pequena cidade costeira norueguesa. Apareceu um estranho chamado Nagel, um indivíduo peculiar que chocou a cidadezinha com o seu comportamento excêntrico e que depois desapareceu tão subitamente quanto chegara. A dada altura, recebeu a visita de uma misteriosa jovem que lá foi por Deus sabe que motivo e se atreveu a permanecer com ele apenas algumas horas. Mas não foi assim que tudo começou...

Tudo começou às seis horas da tarde de um dia, quando um navio a vapor aportou no cais e surgiram três passageiros no convés. Um deles era um homem que usava um fato amarelo berrante e um chapéu de feltro demasiado grande. Isso aconteceu na tardinha do dia 12 de Junho; havia bandeiras desfraldadas por toda a vila em honra do noivado da menina Kielland, que fora anunciado nesse preciso dia. O porteiro do hotel Central subiu a bordo e o homem de fato amarelo entregou-lhe a sua bagagem. Ao mesmo tempo, entregou o bilhete a um dos tripulantes do navio, mas não fez qualquer gesto para desembarcar e começou a andar para a frente e para trás no convés. Ele parecia extremamente agitado, e quando o sino do navio tocou pela terceira vez, ainda nem sequer pagara a sua conta ao funcionário.

Enquanto tratava de pagar a conta, apercebeu-se subitamente de que o navio levantava âncora. Admirado, gritou sobre a amurada para o bagageiro lá em baixo:

— Leva a minha bagagem para o hotel e reserva-me um quarto.

Depois disso, o navio transportou-o para o fiorde.

O homem chamava-se Johan Nilsen Nagel.

O bagageiro transportou a sua bagagem numa pequena carroça. A bagagem consistia apenas em dois pequenos baús, um casaco de

peles (embora se estivesse em pleno Verão), uma pasta e um estojo de violino. Nenhum tinha etiqueta de identificação.

Por volta do meio-dia do dia seguinte, Johan Nagel apareceu na estrada que conduzia ao hotel numa carruagem puxada por dois cavalos. Teria sido mais fácil fazer a viagem de barco, mas ele, ainda assim, deslocou-se de carruagem. Levava consigo mais alguma bagagem — no assento dianteiro estava uma mala, um casaco e um pequeno saco com as iniciais «J. N. N.» debruadas com pérolas.

Antes de sair da carruagem, perguntou ao gerente do hotel se podia ver o quarto e, posteriormente, ao ser levado até ao segundo andar, começou a examinar as paredes para determinar qual a sua espessura e se filtravam sons dos quartos contíguos. Subitamente, virou-se para a camareira e perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Sara.

— Sara. — E sem parar por um segundo: — Podes arranjar-me algo para comer? Bem, então chamas-te Sara. Diz-me — continuou ele —: houve alguma vez uma farmácia nestas instalações?

Sara, surpreendida, respondeu:

— Sim, mas foi há muitos anos.

— Oh, há muitos anos? Soube-o assim que entrei; não foi tanto pelo cheiro, mas senti-o de algum modo.

Quando ele desceu para jantar, não disse uma única palavra durante toda a refeição. Os seus companheiros de viagem do dia anterior, ou seja, os dois homens que estavam na outra ponta da mesa, fizeram sinais um ao outro quando ele entrou e não tentaram esconder a sua satisfação pelo seu infortúnio da tarde anterior, mas ele não reparou neles. Comeu rapidamente, rejeitou a sobremesa e saiu abruptamente da mesa atirando-se para trás no banco, tendo depois acendido um charuto e desaparecido pela rua abaixo.

Ficou fora até muito depois da meia-noite e não regressou até poucos minutos antes das três. Onde estivera ele? Só mais tarde se

soube que fora a pé até à vila mais próxima e voltara, fazendo-o pela mesma estrada comprida que percorrera nessa manhã. Deveria ter um assunto muito urgente para tratar lá. Quando Sara lhe abriu a porta, estava ensopado em suor, mas sorriu-lhe e pareceu encontrar-se de muito bom humor.

– Meu Deus, rapariga, que pescoço adorável que tu tens! – disse ele. – Chegou correspondência para mim enquanto eu estava fora? Para Nagel, Johan Nagel? Três telegramas! Oh, far-me-ias o favor de tirar aquele quadro da parede? Não gosto de o ver a olhar para mim. Ficaria realmente aborrecido se tivesse de me deitar na cama e me visse obrigado a olhar para ele! Além disso, Napoleão III não tinha uma barba tão desgrenhada. Obrigado.

Depois de Sara se ir embora, Nagel permaneceu de pé no meio do quarto. Manteve-se completamente imóvel, olhando fixamente para um ponto na parede e, com exceção da sua cabeça, que caía cada vez mais para um lado, não se mexeu. Manteve-se assim durante muito tempo.

Tinha uma altura abaixo da média, e o seu rosto era moreno, com olhos castanhos profundos que possuíam uma estranha expressão e uma boca macia e bastante feminina. Usava um anel simples de chumbo ou ferro num dos dedos. Tinha ombros muito largos e estava entre os vinte e oito e os trinta anos, não sendo, de maneira nenhuma, mais velho do que isso, embora o cabelo lhe começasse a encanecer nas têmporas.

Despertou das suas divagações mentais com um sobressalto violento, tão exagerado que não pareceu genuíno; foi como se o gesto não passasse de uma encenação, embora ele estivesse sozinho no quarto. Em seguida, tirou do bolso algumas chaves, trocos e o que parecia uma medalha de herói envolta numa faixa encorilhada e pô-los numa mesa junto à cama. Enfiou a carteira por baixo da almofada e tirou do bolso do colete um relógio e uma pequena ampola em cujo rótulo se lia *veneno*. Segurou no relógio com uma mão momentaneamente antes de o pousar, mas imediatamente voltou a colocar

a ampola no bolso. Depois, tirou o anel e lavou-se, alisando o cabelo para trás com os dedos, sem olhar uma única vez para o espelho.

Achava-se já na cama quando subitamente deu pela falta do anel, que deixara pousado na bacia, e, como se fosse incapaz de se separar daquele anel completamente vulgar, levantou-se e voltou a pô-lo. Em seguida, começou a abrir os três telegramas, mas, antes de terminar o primeiro, soltou uma gargalhada curta e abafada.

Ele estava deitado e ria-se para consigo, com os seus dentes extraordinariamente brancos. Depois, o seu rosto voltou a ficar sério e, logo a seguir, atirou indiferentemente os telegramas para o lado. Contudo, todos eles se relacionavam aparentemente com um assunto de grande importância, pois referiam-se a uma oferta de sessenta e duas mil coroas por uma propriedade rural, valor que seria pago em dinheiro vivo, caso o negócio fosse concluído de imediato. Eram telegramas breves e directos de negócios, sem dúvida não haviam sido enviados como embuste, embora não estivessem assinados. Alguns minutos depois, Nagel adormeceu. As duas velas sobre a mesa, que ele se esquecera de apagar, iluminavam-lhe o rosto bem barbeado, assim como o peito, e bruxuleavam serenamente sobre os telegramas, que repousavam completamente abertos na mesa...

Na manhã seguinte, Johan Nagel enviou um mensageiro ao posto dos correios, tendo este regressado com alguns jornais – vários deles estrangeiros –, mas sem nenhuma carta. Pousou o seu estojo de violino numa cadeira no meio do quarto, como se o quisesse exibir, mas não o abriu, deixando-o simplesmente lá.

A única coisa que fez nessa manhã foi escrever algumas cartas e andar de um lado para o outro no seu quarto enquanto lia um livro. Também foi a uma loja e comprou um par de luvas, e depois vagueou até ao mercado, onde comprou um cachorrinho castanho-avermelhado por dez coroas, que imediatamente mostrou ao gerente do hotel. Toda a gente achou muito engraçado que tivesse chamado *Jacobsen* ao cachorrinho, embora fosse uma cadela.

Não fez nada durante o resto do dia. Não tinha assuntos a tratar na cidade, não tinha escritórios para contactar, nem chamadas para fazer, uma vez que não conhecia ninguém. As pessoas do hotel estavam admiradas com a sua estranha apatia em relação a tudo, incluindo os seus próprios assuntos. Os três telegramas continuavam inteiramente abertos na mesa do seu quarto, e qualquer um os podia ler; ele não voltara a olhar para eles desde a noite em que tinham chegado. E, por vezes, quando lhe perguntavam directamente alguma coisa, nem sequer respondia. O gerente do hotel tentara, por duas vezes, levá-lo a conversar para descobrir quem ele era e o que o levara até à cidade, mas, em ambas as vezes, Nagel evitara o assunto. Outro caso de comportamento estranho aconteceu no decorrer do dia. Embora não conhecesse ninguém na cidadezinha e não tivesse feito qualquer esforço para conhecer, parara, ainda assim, subitamente à frente de uma das jovens senhoras da vila à entrada do cemitério, fixara nela o olhar e, sem uma única palavra de explicação, fizera-lhe uma vénia profunda. A jovem, imensamente envergonhada, corou até à raiz dos cabelos e, em seguida, o indivíduo desavergonhado saiu da cidade pela estrada principal, passando pela casa do pastor, e caminhando ainda até mais longe. Fez isto vários dias seguidos, regressando sempre ao hotel depois da hora de fechar, de modo que lhe tinham de abrir a porta da frente.

Na terceira manhã, quando Nagel saía do seu quarto, deparou por acaso com o gerente do hotel, que o cumprimentou com alguns comentários agradáveis. Saíram para o alpendre e sentaram-se, e, de modo a iniciar conversa, o gerente perguntou-lhe o que deveria fazer em relação a um envio de uma caixa de peixe fresco.

– Faz ideia do que deveria fazer? – perguntou ele.

Nagel olhou para a caixa, sorriu e abanou a cabeça.

– Não percebo nada destas coisas – respondeu.

– Não percebe? Bem, eu pensei que talvez tivesse viajado muito e que vira como fazem noutros sítios.

– Não, na verdade eu não viajei muito.

Silêncio.

– Bem, provavelmente tem andado ocupado com outras coisas. É, por acaso, um homem de negócios?

– Não, não sou um homem de negócios.

– Então não veio cá em negócios?

Nagel não respondeu, acendendo, ao invés, um charuto, inspirando profundamente e assumindo um ar abstraído.

O gerente observava-o pelo canto do olho.

– Não vai tocar para nós um dia destes? Vi que traz um violino.

– Oh, não, desisti disso – respondeu Nagel de um modo pouco encorajador.

Depois levantou-se e afastou-se de uma forma bastante brusca; porém, logo a seguir, voltou e disse:

– Já agora, lembrei-me que me pode trazer a conta quando quiser. Não me faz diferença a altura em que pago.

– Obrigado – disse o gerente. – Mas não há pressa. Se ficar conosco durante algum tempo, haverá um desconto. Está a planear ficar por algum tempo?

Nagel pareceu subitamente regressar à vida. O seu rosto corou sem motivo aparente e respondeu rapidamente:

– Sim, pode ser que fique por aqui algum tempo, depende de algumas coisas. Talvez não lhe tenha dito, mas sou agrónomo, um agricultor. Acabei de chegar do estrangeiro e talvez decida assentar por aqui durante algum tempo. Mas talvez tenha até esquecido de... o meu nome é Nagel, Johan Nilsen Nagel.

Em seguida, apertou calorosamente a mão do gerente e pediu desculpa por não se ter apresentado mais cedo. Não havia o mais pequeno indício de ironia na sua expressão.

Tenho pensado que talvez possamos arranjar-lhe um quarto melhor, mais sossegado – disse o gerente. – Agora, está perto das escadas, e isso pode ser bastante barulhento.

– Obrigado, mas não é preciso. O meu quarto é bastante razoável. Além disso, consigo ver toda a praça da minha janela, e isso é muito agradável.

Após uma curta pausa, o gerente continuou:

– Então está a tirar agora umas pequenas férias? Passará provavelmente aqui o Verão?

– Dois ou três meses, talvez mais – respondeu Nagel. – Não tenho a certeza. Depende. Decidirei quando chegar a altura disso.

Nessa altura, um homem passou por eles e curvou a cabeça ao gerente. Era um homem com um aspecto insignificante, bastante baixo e muito mal vestido. Movia-se claramente com dificuldade mas, apesar da sua deficiência, era surpreendentemente ágil. Embora se tivesse curvado profundamente, o gerente ignorou-o, mas Nagel fez um gesto educado e ergueu o seu chapéu de feltro.

O gerente virou-se para ele e disse:

– Chamamos àquele homem o Anão. Não bate muito bem da cabeça, mas tenho pena dele, porque é boa pessoa.

Nada mais se disse sobre o Anão.

– Há alguns dias, li algo nos jornais sobre um homem que foi encontrado morto na floresta aqui da região – disse, subitamente, Nagel. – Que género de homem era ele? Karlsen, acho eu? Era daqui?

– Sim – disse o gerente. – Era filho de uma curandeira. Vê-se a casa dela daqui, aquela com telhas vermelhas. Viera a casa pelas férias e resolveu acabar com a própria vida. Foi especialmente trágico porque era um rapaz talentoso e estava prestes a ser ordenado pastor. Toda a história é muito estranha. Uma vez que as artérias de ambos os pulsos estavam cortadas, dificilmente poderia ter sido um incidente, não é? E agora encontraram a navalha, uma navalha pequena com um cabo branco. A polícia encontrou-a já tarde na noite passada. Toda a história parece apontar para um caso passionai.

– Isso é interessante. Mas há realmente alguma dúvida de que se tenha suicidado?

– Toda a gente espera que o caso seja esclarecido... quero dizer, algumas pessoas acham que ele poderia estar a caminhar com a navalha na mão e que tropeçou de modo tão estranho que cortou ambos os pulsos ao mesmo tempo. Mas isso é altamente improvável.

No entanto, será enterrado em solo consagrado. Mas já eu não acredito que tenha tropeçado.

– Diz que só encontraram a navalha ontem à noite? Mas então não estava pousada ao lado dele?

– Não, estava a vários metros dele. Depois de a usar, atirou-a para o meio do mato e encontraram-na por acaso.

– Mas porque é que atiraria a navalha para longe se estava lá estendido cortado e a sangrar? Certamente seria óbvio para toda a gente que ele usara uma navalha, não?

– Deus sabe o que lhe estava a passar pela cabeça mas, como eu disse, quase de certeza que há uma mulher envolvida na história. É estranho, e, quanto mais penso nisso, mais complicado fica.

– O que o leva a pensar que há uma mulher envolvida?

– Várias coisas. Mas prefiro não falar nisso.

– Mas não acha que a queda poderia ter sido acidental? Ele estava deitado numa posição muito estranha. Não estava deitado de barriga para baixo e com a cara na lama?

– Sim, e estava cheio de lama no corpo. Mas talvez o tenha feito de propósito, para ocultar a agonia final. Quem sabe?

– Ele deixou alguma mensagem?

– Parece que andava a escrever alguma coisa, mas, pelo visto, tinha o hábito de tomar notas enquanto dava as suas caminhadas. Algumas pessoas pensam que ele poderia estar a usar a navalha para afiar o seu lápis quando tropeçou e caiu, e que fez então um buraco num pulso e outro no outro. Tudo na mesma queda. Mas ele deixou algo escrito. Segurava na mão um pedaço de papel com as palavras: «Gostava que a tua navalha fosse tão afiada quanto o teu derradeiro não!»

– Que treta. A faca era romba?

– Sim.

– Então porque é que ele não a afiou primeiro?

– Não era dele.

– De quem era?

O gerente hesitou momentaneamente:

– A faca pertencia à menina Kielland.

– A faca pertencia à menina Kielland? – repetiu Nagel e, após uma curta pausa. – Bem, e quem é essa menina Kielland?

– Dagny Kielland. É a filha do pastor.

– Isso é muito estranho... muito bizarro. O jovem estava assim tão loucamente apaixonado por ela?

– Deveria estar. Mas eles andam todos loucos por ela. Ele não era o único.

Nagel pareceu divagar, perdido nos seus pensamentos.

O gerente do hotel acabou por quebrar o silêncio ao dizer:

– O que acabei de lhe dizer é confidencial, por isso, tenho de lhe pedir...

– Compreendo – respondeu Nagel. – Não precisa de se preocupar.

Quando, algum tempo depois, Nagel desceu para almoçar, o gerente do hotel já estava na cozinha a afirmar que, por fim, tivera uma conversa a sério com o homem vestido de amarelo do quarto número 7. Disse que ele era agrónomo e acabara de regressar do estrangeiro, podendo permanecer lá durante vários meses, e só Deus saberia o que pretendia.

II

Nessa noite, Nagel deu repentinamente por si cara a cara com o indivíduo a quem todos chamavam o Anão. O seu encontro teve como resultado uma conversa entediante e interminável que durou quase três horas.

Toda a ocorrência, do início ao fim, foi a seguinte:

Johan Nagel estava no café do hotel a ler um jornal quando o Anão entrou. Havia algumas pessoas sentadas às mesas, entre elas uma camponesa robusta com um xaile de malha preto e vermelho aos ombros. Todos pareciam conhecer o Anão. Ele curvou-se respeitosa-mente para a direita e para a esquerda ao entrar, mas os seus cumprimentos causaram apenas gritos e gargalhadas jocosas. A camponesa chegou mesmo a levantar-se, querendo dançar com ele.

– Hoje não, não – murmurou ele, tentando afastar-se da mulher e deslocando-se até junto do gerente do hotel a quem, com o chapéu na mão, disse: – Levei o carvão até à cozinha. Quer que eu faça mais alguma coisa?

– Não – respondeu o gerente. – Que mais poderia haver para fazer?

– Nada – disse o Anão, retirando-se docilmente.

O Anão era incrivelmente feio. Tinha olhos azuis e calmos, mas os seus dentes da frente eram grotescamente salientes e o seu caminhar era contorcido devido a uma deficiência. O seu cabelo era bastante grisalho e a barba mais escura do que o cabelo, mas tão desgrenhada e rala que se via a pele por baixo. Fora outrora marinheiro, mas vivia então com um parente que tinha um pequeno negócio de carvão nas docas. Quando falava com alguém, mal levantava os olhos do chão.

Alguém o chamou de uma das mesas – um homem com um fato cinzento que lhe acenava animadamente e apontava para uma garrafa de cerveja.

– Venha beber uma garrafa de leite materno! – disse ele, acrescentando em seguida: – Também quero ver como fica sem a sua barba.

Fazendo uma vénia respeitosa, com o chapéu ainda na mão, o Anão aproximou-se da mesa. Ao passar por Nagel, fez-lhe uma vénia especial, mexendo ligeiramente os lábios. Parou à frente do homem de cinzento e sussurrou:

– Por favor, senhor, não tão alto. Há estranhos presentes.

– Bom Deus, só lhe queria oferecer uma garrafa de cerveja e acusa-me de falar demasiado alto!

– Não o disse nesse sentido. Peço desculpa. Mas com estranhos presentes, eu preferiria não fazer figura de parvo. E não posso beber cerveja... não agora.

– O quê? Não pode beber cerveja?

– Não, obrigado. Não agora.

– Então agradece-me, mas não agora? Então quando me irá agradecer? E é filho de um pastor! Deveria ter mais atenção ao modo como se exprime.

– Não percebeu o que eu queria dizer, mas não faz mal.

– Não seja parvo. Afinal o que se passa consigo?

O ajudante judicial obrigou o Anão a sentar-se numa cadeira, tendo este último permanecido sentado por um instante, mas voltando a levantar-se logo de seguida.

– Deixe-me em paz – disse ele. – Não aguento a bebida. Não posso beber tanto quanto costumava, embora não saiba porquê. Fico embriagado antes de dar por ela e fico todo confuso.

O ajudante judicial levantou-se, pousou o olhar no Anão e disse:

– Beba!

Silêncio. O Anão olhou para cima, afastou o cabelo da testa, mas não disse nada.

– Bem, apenas um pouco, só para lhe agradecer e ter a honra de beber à sua saúde.

– Beba tudo! – gritou o ajudante judicial, que teve de se afastar para evitar rir desbragadamente.

– Não, não posso beber tudo. Porque o deveria fazer se não me calha bem? Por favor, não se ofenda e não olhe para mim assim. Vou fazer isto uma vez, se insiste mesmo. Só espero que não me suba à cabeça. É ridículo, mas aguento muito pouco. À sua saúde!

– Bote abaixo! – gritou novamente o funcionário judicial. – Beba tudo! Está bom! Agora, vamos sentar-nos e fazer algumas caretas. Primeiro, vai ranger um bocadinho os dentes e depois eu vou-lhe aparar a barba e fazê-lo parecer dez anos mais novo. Mas, primeiro, tem de ranger os dentes!

– Não, não quero, não na presença destes estranhos. Não insista, porque não o farei – disse o Anão, tentando ir-se embora. E, acrescentando: – Além do mais, não tenho tempo para isso.

– Também não tem tempo? Isso é mau. Ah, ah, ah, é mesmo mau. Nem sequer tempo?

– Não, agora não.

– Escute agora: suponha que lhe dizia que tenho andado a pensar em arranjar-lhe um casaco novo! Vejamos aquele que tem vestido... está todo estragado. Desfaz-se todo quando lhe tocamos. – O ajudante judicial encontrou um buraquinho e enfiou nele o seu dedo, descosendo os fios. – Olhe só para isto...

– Deixe-me em paz! Por amor de Deus, que mal lhe fiz eu? Não toque no meu casaco!

– Mas, Deus do céu, prometo arranjar-lhe outro casaco amanhã, e digo-o na presença de... vejamos: duas, quatro, sete testemunhas. Que se passa consigo hoje? Fica ofendido e começa a insultar e a tentar achincalhar-nos a todos... sim, é isso que faz! Só porque toquei no seu casaco.

– Peço desculpa. Não queria ser mal-educado. Farei qualquer coisa para lhe agradecer, mas...

– Então agrade-me sentando-se.

O Anão afastou o seu cabelo grisalho da testa e sentou-se.

– Assim está bem. Agora pode agradecer-me ainda mais rangendo os dentes.

– Não, não o farei!

– Então não o vai fazer? Já veremos isso! Sim ou não?!

– Bom Deus, que mal lhe fiz eu? Não me pode deixar em paz? Porque é que eu haveria de fazer figura de idiota à frente de toda a gente? Vejo que aquele estranho ali olha para nós. Está sempre a olhar na nossa direcção e presumo que também se esteja a rir. É sempre assim; no primeiro dia em que aqui chegou como ajudante, o doutor Stenersen encurralou-me e ensinou-o a fazer-me de idiota, e agora está a encorajar aquele homem ali a fazer o mesmo. Vão-no transmitindo uns aos outros.

– Pronto, pronto. Sim ou não?

– Eu disse que não! – gritou o Anão, saltando da sua cadeira. Contudo, ocorreu-lhe subitamente que fora demasiado longe e, voltando a sentar-se, disse: – Eu simplesmente não consigo ranger os dentes. Tem de acreditar em mim!

– Não *consegue*? É claro que consegue! Range muito bem os dentes.

– Juro por Deus que não consigo!

– Mas já o fez antes.

– Sim, mas estava bêbedo. Não me lembro, tinha a cabeça a rodopiar. Fiquei maldisposto nos dois dias seguintes.

– É verdade – disse o ajudante judicial. – Admito que estava bêbedo na altura. Mas porque fica aí sentado a vangloriar-se disso em frente a todas estas pessoas? Isso é simplesmente estúpido.

Nessa altura, o gerente saiu do café. O Anão não disse uma única palavra e o ajudante judicial, de olhos fixos nele, perguntou:

– Bem, que decidiu? O casaco... lembra-se?

– Lembro-me – respondeu o Anão. – Mas não consigo e não beberei mais, e é a minha decisão final.

– Consegue e fá-lo-á! Ouvia o que eu disse? Consegue e fá-lo-á! Nem que eu tenha de lha meter pela boca abaixo... – O funcionário

judicial levantou-se com o copo do Anão na mão. — Agora, abra a boca!

— Não, por amor de Deus, não bebo nem mais uma gota! — gritou, pálido e trémulo, o Anão. — Nada me pode levar a fazê-lo! Tem de me desculpar, mas deixa-me maldisposto. Não faz ideia do que me faz. Imploro-lhe que não seja tão cruel! Eu preferiria... ranger os dentes um bocadinho sem beber cerveja!

— Bem, isso já é outra história. Se o quer fazer sem cerveja, por mim está tudo bem.

— Sim, preferiria fazê-lo sem cerveja.

O Anão, acompanhado por imensas gargalhadas dos espectadores, começou a ranger os dentes horrendos. Nagel parecia absorto no jornal, sentado em silêncio no seu lugar junto à janela.

— Mais alto, mais alto! — gritou o ajudante judicial. — Ranja-os mais alto, porque não o conseguimos ouvir.

O Anão, sentado rigidamente na sua cadeira, e aguentando-se desesperadamente com as duas mãos como se temesse cair, rangeu os dentes até a cabeça abanar. Toda a gente se riu, e a camponesa riu-se tanto que teve de limpar os olhos. Estava quase histérica e tão exaltada que cuspiu duas vezes no chão por puro prazer.

— Oh Deus, que visão! — gritou ela, completamente fora de si. — Oh, este funcionário judicial!

— Não consigo fazer mais alto — disse o Anão. — Não consigo mesmo, Deus é minha testemunha, é a verdade; não consigo mais.

— Muito bem, então, descanse um bocadinho e comece de novo. Mas vai ranger os dentes! Depois, vamos tirar-lhe a barba. Agora, beba um gole da sua cerveja: tem de o fazer. Aqui a tem.

O Anão abanou a cabeça, mas não disse nada. O funcionário judicial tirou uma moeda de vinte e cinco centavos do porta-moedas e, pondo-a na mesa, disse:

— Está habituado a fazê-lo por dez, mas não me importo de lhe dar vinte e cinco. Estou a aumentar-lhe o salário. Agora, continuemos!

— Não me atormente mais, porque eu não o vou fazer.

– Não vai? Recusa-se?

– Por Deus, pare com isso! Deixe-me em paz! Não continuarei a deixar que me faça de idiota por causa de um casaco. No fim de contas, sou um ser humano. O que quer de mim?

– Observe-me! Vê-me a enfiar este bocado de cinzas de charuto no seu copo, não vê? E estou a pegar neste fósforo aqui e naquele fósforo ali e a largá-los no mesmo copo enquanto observa. E agora vai beber por esse copo até à última gota. Isso lhe prometo eu!

O Anão levantou-se com um sobressalto. Tremia por todos os lados. O seu cabelo grisalho voltara a cair-lhe sobre a testa. Ele olhou para o funcionário judicial directamente nos olhos, mantendo-se assim durante alguns segundos.

– Não, estão a ir demasiado longe – gritou a camponesa. – Não o façam! Deus me livre de pessoas assim.

– Então não o vai fazer? Isso significa que se recusa? – perguntou o ajudante judicial. Também ele se levantou.

O Anão tentou dizer alguma coisa mas não conseguiu proferir nenhuma palavra. Todos os olhos estavam postos nele.

Então, Nagel levantou-se subitamente da sua mesa junto à janela, pousou o jornal e atravessou lenta e silenciosamente a sala enquanto todos os olhos se voltavam para ele. Parou em frente do Anão, pôs-lhe uma mão no ombro e disse com uma voz alta e distinta:

– Se pegar no seu copo e o atirar àquele cabrão *ali*, dou-lhe dez coroas e ainda lhe ofereço a minha protecção. Refiro-me a este *aqui* – disse ele, apontando mesmo para a cara do ajudante judicial.

Fez-se um silêncio de morte. O Anão, aterrorizado, olhava de um para o outro, gaguejando:

– Mas... não, mas...?

Ele não disse mais nada, continuando a repetir uma e outra vez as mesmas palavras numa voz trémula, como se fossem uma pergunta. Mais ninguém soltou um som. O ajudante judicial, confuso, deu um passo atrás, tacteando a sua cadeira. Também ficara pálido e não proferia uma única palavra, embora tivesse a boca escancarada.

– Repito – disse Nagel em voz alta, enfatizando todas as palavras: –, dou-lhe dez coroas se ativar o seu copo à cabeça daquele cabrão. Aqui está o dinheiro... e não precisa de temer as consequências. – E Nagel exibiu a nota de dez coroas ao Anão.

A reacção do Anão foi estranha. Com o seu caminhar curto e aleijado, deslocou-se até um canto do café e sentou-se sem responder. Tinha a cabeça curvada mas os olhos mexiam-se em todas as direcções e puxou várias vezes os joelhos para cima num gesto de terror.

A porta abriu-se e o gerente do hotel voltou a entrar. Começou a trabalhar à secretária e não prestou atenção ao que estava a acontecer até o ajudante judicial saltar subitamente e encarar Nagel, remexendo os braços em volta, quase sufocado com raiva, ao que o gerente do hotel olhou em volta e perguntou:

– Mas que raio...?

Ninguém disse nada. O funcionário judicial tentou bater duas vezes de modo selvático em Nagel, mas foi em ambas as vezes impedido pelos punhos de Nagel. A sua frustração por não conseguir atingir Nagel deixou-o ainda mais exaltado e continuou a socar estupidamente o ar como se tentasse lutar contra o mundo. Por fim, recuou de lado por entre as mesas, tropeçou num banquinho e caiu de joelhos. Arfava sonoramente e todo o seu corpo estava contorcido com a fúria. E, além de tudo isso, tinha os braços todos pisados por causa do embate contra os punhos cerrados de Nagel, que bloquearam todos os seus golpes. O café estava então num estado de completa agitação, e a camponesa e o seu grupo dirigiram-se à porta, enquanto todos os restantes gritaram ao mesmo tempo, tentando explicar uns aos outros o que acontecera. Em seguida, o ajudante judicial pôs-se de pé, abriu caminho até Nagel, parou e gritou-lhe, furioso por não conseguir encontrar as palavras certas.

– Seu, seu... Vá para o inferno, seu maldito janota!

Nagel olhou para ele e sorriu, caminhou até à mesa, pegou no chapéu do funcionário judicial e deu-lho com uma vénia. O funcionário judicial arrancou o chapéu a Nagel e fez um gesto como se estivesse prestes

a atirá-lo furiosamente de volta, mas, então, mudou aparentemente de ideias e, explodindo de raiva, enfiou-o na cabeça e saiu num rompante. Estava amassado em dois lados e fazia-o parecer um palhaço.

O gerente do hotel abriu à força caminho por entre a multidão e exigiu uma explicação. Agarrou Nagel pelo braço e gritou:

– O que se passou aqui? Que significa tudo isto?

– Solte-me o braço – disse Nagel. – Eu não vou fugir. Além disso, não se passa nada aqui. Fiz alguns comentários ao homem que acabou de sair e ele tentou defender-se. Nada mais do que isso; já está tudo acertado.

Contudo, o gerente estava furioso e bateu com o pé:

– Não tolero aqui rixas. Se quiserem lutar, saiam para a rua, mas não aqui dentro! Parecem ter ficado todos loucos!

Muitos dos clientes interromperam-no:

– Mas nós vimos tudo! – gritaram. E, com a tendência que as pessoas têm para se colocarem do lado do vencedor do momento, estavam todas completamente do lado de Nagel e começaram a explicar a alteração.

Nagel encolheu os ombros e foi ter com o Anão. Perguntou, sem qualquer rodeio, ao pequeno bobo grisalho:

– Que tem você que ver com o ajudante judicial para que ele o possa tratar assim?

– Nada. Eu nem sequer o conheço. Só dancei para ele uma vez na praça, por dez centavos. Desde então está sempre a troçar de mim.

– Então dança para as pessoas e recebe dinheiro por isso?

– Por vezes... não muitas... só quando preciso de dez centavos e não os arranjo de outro modo.

– Em que é que gasta o dinheiro?

– Preciso dele para muitas coisas. Em primeiro lugar, sou estúpido. Não sirvo para nada e tenho muita dificuldade em compreender as coisas. Quando eu era marinheiro e ganhava a vida, estava muito melhor. Mas, depois, tive um acidente, caí do cordame e fiquei com uma hérnia, e, desde então, não tem sido fácil. Recebo a minha

comida e tudo aquilo de que preciso do meu tio. Vivo com ele e sou bem tratado. Temos fartura de tudo, já que o meu tio vende carvão, o que lhe permite ganhar a vida. Mas eu contribuo um pouco para o meu quarto e alimentação, sobretudo agora, durante os meses de Verão, quando não vendemos muito carvão. Tudo aquilo que lhe estou a dizer é verdade! Há dias em que me fazem falta dez centavos. Gasto-os sempre em algo para levar para casa. Mas em relação ao ajudante judicial... ele diverte-se a ver-me dançar porque com a minha hérnia me mexo de um modo muito trapalhão.

– O seu tio quer que dance na praça por dinheiro?

– Não, não, não deve pensar nisso! Ele está sempre a dizer-me para não aceitar esse dinheiro que ganho em palhaçadas e dá-me reprimendas por deixar que as pessoas façam de mim parvo.

– Bem, essa foi a primeira coisa. E em relação à segunda?

– O que quer dizer?

– A segunda razão?

– Não compreendo.

– Disse que, em primeiro lugar, era estúpido. Bem, o que vem em segundo lugar?

– Se eu disse isso, não deveria ter dito.

– Então é apenas estúpido?

– Por favor, peço-lhe que me desculpe.

– O seu pai era pastor?

– Sim, era.

Silêncio.

– Olhe. Se não tem mais nada para fazer, que tal subir até ao meu quarto por um bocado? Fuma? Ótimo! O meu quarto é lá em cima. Ficarei muito contente se me for visitar.

Para espanto de toda a gente, Nagel e o Anão subiram ao segundo andar e passaram o resto da noite juntos.

III

O Anão sentou-se e acendeu um charuto.

– Não bebe mesmo nada? – perguntou Nagel.

– Não, não muito. Fico tonto e começo a ver a dobrar em pouco tempo.

– Alguma vez bebeu champanhe? Sim, é claro que deve ter bebido.

– Sim, há muitos anos, nas bodas de prata dos meus pais.

– Gostou?

– Sim, muito.

Nagel telefonou e mandou que lhe levassem algum champanhe.

Enquanto fumavam e sorviam champanhe, Nagel olhou súbita e atentamente para o Anão e disse:

– Isto é apenas uma pergunta, e talvez a ache absurda, mas seria capaz, por uma certa quantia, de assumir a paternidade de um filho que não é seu? Foi apenas uma ideia que me passou pela cabeça.

O Anão olhou para ele, mas não disse nada.

– Por uma modesta quantia... cinquenta coroas ou digamos que duzentas? – perguntou Nagel. – O dinheiro não é problema.

O Anão abanou a cabeça mas ficou em silêncio por algum tempo.

– Não – respondeu, por fim.

– Não era capaz de o fazer? Eu pagar-lhe-ia em dinheiro vivo.

– Não, não o posso fazer. Lamento não lhe poder ser útil.

– Porque não?

– Por favor, não me peça isso. Sou um ser humano, no fim de contas.

– Bem, eu talvez estivesse a pedir demasiado. Porque faria algo assim por uma pessoa qualquer? Mas gostaria de lhe perguntar

outra coisa: seria capaz, por cinco coroas, de andar pela cidade com um jornal ou um saco de papel nas costas, começando no hotel e passando pela praça e ao longo das docas? Faria isso por cinco coroas?

Envergonhado, o Anão baixou a cabeça e murmurou:

– Cinco coroas – mas não respondeu mais nada.

– Bem, digamos que por dez coroas; faremos por dez coroas.

Faria isso por dez coroas?

O Anão afastou o cabelo da testa.

– Não percebo porque é que toda a gente que aqui chega parece sentir que pode fazer de mim idiota – disse ele.

– Como pode ver, tenho o dinheiro mesmo aqui – repetiu Nagel.
– É consigo.

O Anão olhou para a nota com uma expressão desesperada e triste, mas, humedecendo subitamente os lábios em antecipação, murmurou:

– Bem, eu...

– Só um momento – interrompeu bruscamente Nagel. – Desculpe-me por o interromper – continuou ele, para impedir o Anão de dizer alguma coisa. – Qual é o seu verdadeiro nome? Acho que não mo disse.

– O meu nome é Grøgaard.

– Grøgaard. É aparentado com o Grøgaard, autor da Constituição?

– Sim, sou.

– De que estávamos a falar? Oh sim, Grøgaard; sendo esse o caso, certamente não quer ganhar dez coroas desse modo, pois não?

– Não – sussurrou, confuso, o Anão.

– Ora, então, escute-me – disse Nagel, falando muito lentamente.

– Terei todo o prazer em dar-lhe as dez coroas porque *não* aceitou a minha proposta. E dar-lhe-ei mais dez coroas se me der ainda mais prazer ao aceitá-las. Não se levante, porque esta bagatela não é importante para mim. – Pegou no dinheiro e disse: – Aqui tem. Far-me-á um favor ao aceitá-lo.

O Anão continuou sentado e sem falar. Mas a bênção inesperada subira-lhe à cabeça e ele lutava para reter as lágrimas. Pestanejou os olhos e engoliu em seco.

Nagel disse:

– Deve ter cerca de quarenta anos, não?

– Quarenta e três... mais de quarenta e três.

– Ponha o dinheiro no seu bolso. Está à vontade para o fazer.

Qual é o nome do ajudante judicial com quem estávamos a falar no café?

– Não sei. Chamamos-lhe simplesmente ajudante judicial. Ele trabalha para o juiz.

– Bem, não importa, mas diga-me...

– Desculpe-me – disse o Anão, incapaz de se continuar a conter. Exaltado pelas emoções, tentou dizer algo, mas gaguejou como uma criança. – Por favor, desculpe-me – disse, não conseguindo dizer outra palavra durante muito tempo.

– O que queria dizer?

– Obrigado. Do fundo do meu coração...

Silêncio.

– Esqueça isso.

– Não, espere – gritou o Anão. – Desculpe-me, mas não o podemos esquecer. Achou que eu não queria fazer-lhe o favor, que era má vontade da minha parte, que eu estava simplesmente a ser teimoso, mas Deus é minha testemunha... como podemos esquecer-lo se ficou com a impressão de que me preocupava apenas com o dinheiro e de que não o faria por cinco coroas. Isso é tudo o que eu queria dizer.

– Não faz mal. Um homem com o seu nome e família não se deveria deixar convencer a fazer uma coisa tão idiota como essa. Por acaso, conhece bem esta cidadezinha, não é assim? Tenho andado a pensar em mudar-me para cá durante o Verão. O que acha disso? É daqui, não é?

– Sim, nasci aqui. O meu pai era pastor cá e vivi aqui nos últimos treze anos, desde que tive o meu acidente.

– Entrega carvão?

– Sim, distribuo carvão pelas casas. Não me incomoda, se é isso que quer saber. Estou habituado e não me dá dores se tiver cuidado

ao subir as escadas. Mas, no ano passado, caí e estive tão mal durante algum tempo que tive de usar uma bengala.

– Teve? O que lhe aconteceu?

– Eu estava na escadaria do banco. Esta encontrava-se um pouco coberta de gelo. Comecei a subi-la com um saco muito pesado. Quando ia a meio do caminho, reparei que o cônsul Andresen ia a descer. Eu queria dar meia-volta e descer para lhe dar passagem. Ele disse-me para não o fazer, mas era a coisa indicada a fazer e fi-lo sem que mo pedisse. Contudo, tive a infelicidade de escorregar nos degraus e de aterrar sobre o ombro direito. «O que se passa?», perguntou o cônsul. «Não se magoou, pois não?» «Não», respondi eu. «Acho que tive sorte.» Porém, cinco minutos depois desmaiei duas vezes seguidas. Comecei a inchar no sítio onde me magoara antes. Já agora, o cônsul foi muito amável comigo depois disso, embora a culpa não tivesse sido dele.

– Não se magoou em mais lado nenhum? Não se magoou na cabeça?

– Sim, magoei-me na cabeça e durante algum tempo cuspi sangue.

– E o cônsul ajudou-o durante todo o tempo em que esteve doente?

– Sim, e de modo muito generoso. Enviava-me todo o género de coisas; nunca se esquecia de mim. Mas a melhor coisa de todas aconteceu no dia em que voltei a ficar bom. Fui agradecer-lhe e ele já tinha a bandeira hasteada. Dera ordens para içar a bandeira em minha honra, embora também fosse o aniversário da menina Fredrikke.

– Quem é a menina Fredrikke?

– É a filha do cônsul.

– Oh... bem, foi muito gentil da parte dele. Já agora, sabe, por acaso, porque é que as bandeiras estavam içadas há alguns dias?

– Há alguns dias? Há cerca de uma semana? Deve ter sido por causa do noivado da menina Kielland, Dagny Kielland. Todos eles ficam noivos, casam e saem da cidade, um a seguir ao outro. Tenho amigos e conhecidos por todo o país, e ficaria contente por voltar a vê-los a todos. Vi-os brincar, ir à escola, serem crismados e crescerem. A Dagny tem apenas vinte e três anos e é a menina querida

de toda a gente. Também é bonita. Está noiva do tenente Hansen, que me deu o chapéu que estou a usar. Ele também é de cá.

– A menina Kielland é loira?

– Sim, e muito bonita. Toda a gente gosta imenso dela.

– Acho que a vi a caminho da casa pastoral. Ela costuma andar com uma sombrinha vermelha?

– Isso mesmo! E, tanto quanto sei, não há outra sombrinha vermelha na cidade. Ela usa o cabelo preso numa trança comprida e loira. Se a viu, não há como a esquecer. É diferente de toda a gente daqui. Mas talvez não tenha ainda tido oportunidade de falar com ela.

– Talvez tenha tido – e Nagel acrescentou pensativamente para si mesmo: «Poderia aquela ter sido a menina Kielland?»

– Mas talvez não tenha tido oportunidade de conversar a sério com ela, pois não? Isso é algo que vale a pena. Ela ri-se alto quando alguém a diverte; é muito alegre. Muitas vezes, ri-se praticamente de tudo. Quando falar com ela, irá reparar na atenção com que ouve aquilo que tem para dizer antes de responder. E quando fala, fica muitas vezes corada. Fica muito animada e ainda mais bonita. Mas comigo é diferente. Ela conversa de modo bastante informal quando, por acaso, nos encontramos. Quando me dirijo a ela, ela pára e aperta-me a mão, mesmo que esteja com pressa. Se não acredita em mim, poderá ver, um dia, com os seus próprios olhos.

– Mas eu acredito em si. Então a menina Kielland é sua amiga?

– O que quero dizer é que ela foi sempre muito gentil comigo; só isso. Por vezes, vou até à casa pastoral quando sou convidado, mas, mesmo quando não sou, nunca me sinto mal recebido. A menina Dagny também me emprestou livros quando eu estava doente, até os levou consigo, transportando-os durante todo o caminho debaixo do braço.

– Que género de livros?

– Que quer dizer com que género de livros? Os que eu seria capaz de ler e perceber?

– Não, agora não me está a compreender. A sua pergunta está correcta e é objectiva, mas não era isso que eu queria dizer. É um

homem interessante! Referia-me a que género de livros a jovem possui e lê? Era isso que eu queria saber em concreto.

– Uma vez, lembro-me de ela me ter trazido um exemplar de *Estudantes do Campo* de Garborg e mais dois... acho que um deles era o *Rudin* de Turgueniev. E leu-me uma vez em voz alta excertos de *Irreconciliáveis* de Garborg.

– Os livros eram mesmo dela?

– Bem, não, eram do pai. Estava o nome dele escrito nos livros.

– Já agora, começou a contar-me sobre aquela vez em que foi agradecer ao cônsul Andresen...

– Sim, queria agradecer-lhe por tudo o que fizera por mim.

– Compreendo. E a bandeira já estava hasteada quando chegou?

– Sim, mandara-a hastear em minha honra. Ele próprio mo disse.

– Estou a ver. Mas não poderia ter sido em honra do aniversário da sua filha?

– Sim, suponho que tenha sido. É o mais provável, já agora. Teria sido uma pena não hastear a bandeira no aniversário da menina Fredrikke.

– Tem razão outra vez. Já agora, que idade tem o seu tio?

– Deve ter cerca de setenta anos; talvez não seja tão velho, mas tem, com certeza, mais de sessenta. Tem muita energia para a idade e ainda consegue ler sem óculos se o tiver de fazer.

– Como é que ele se chama?

– Também se chama Grøgaard. Chamamo-nos ambos Grøgaard.

– O seu tio é dono da casa onde vive ou é arrendada?

– Ele arrenda o quarto onde vivemos, mas a arrecadação de carvão é dele. Não temos problemas em pagar a renda, se é nisso que está a pensar. Pagamos as nossas contas em carvão e eu por vezes contribuo um pouco ao fazer trabalhos extra.

– Mas o seu tio não transporta carvão?

– Oh não, esse é o meu trabalho. Ele pesa-o e trata dos detalhes do negócio, e eu faço as entregas. Sou melhor nisso porque sou mais forte.

– É claro. Presumo que tenham uma mulher que cozinhe para os senhores, não?

Silêncio.

– Por favor, não se ofenda, mas estou pronto para me ir embora assim que desejar. Talvez me tenha convidado para vir aqui por pura gentileza, embora eu não perceba como é que a minha vida lhe possa interessar. Ou talvez esteja a falar comigo por algum motivo que me escapa e, se assim é, não me importo. Mas não deve pensar que alguém me irá incomodar quando sair daqui. Na verdade, nunca tenho problemas com pessoas malcriadas. O ajudante judicial não estará lá fora à minha espera para se vingar, se é isso o que o preocupa, e, mesmo que lá estivesse, não me parece que me fosse fazer mal.

– Eu ficaria satisfeito se cá ficasse, mas não tem de se sentir obrigado a dizer-me o que quer que seja só porque lhe dei algumas coroas para o tabaco. Mas, é claro, isso é consigo.

– Eu fico! – gritou o Anão. – Deus o abençoe! Fico contente por lhe poder agradecer de algum modo, embora tenha vergonha de mim e da minha roupa. Eu poderia estar um bocadinho mais apresentável se tivesse tido tempo de me mudar. Este é um dos velhos casacos do meu tio e está praticamente a desfazer-se – um só toque fá-lo-ia em pedacinhos. Foi aqui que o ajudante judicial o rasgou; espero que perdoe o meu aspecto... e não, não temos uma mulher que cozinhe para nós. Nós próprios cozinhamos e fazemos todas as limpezas. Não é nenhum problema, mas também só fazemos o essencial. Quando bebemos café pela manhã, bebemos o que sobrou da noite anterior sem o voltar a aquecer, e fazemos o mesmo com o jantar. Cozinhamos quando temos hipótese e, das outras vezes, comemos restos. A mim compete-me limpar. Ajuda a passar o tempo quando não tenho mais nada que fazer.

Tocou uma campainha e ouviram-se os hóspedes a descer as escadas para jantar.

– É a campainha do jantar – disse o Anão.

– Sim – disse Nagel. Contudo, não se levantou nem mostrou nenhum sinal de impaciência. Pelo contrário, sentou-se na sua cadeira

e perguntou: – Conhecia aquele tal Karlsen que foi encontrado morto na floresta no outro dia? Uma história terrível, não foi?

– Sim, uma tragédia terrível. Eu conhecia-o, sem dúvida. Era uma pessoa maravilhosa, um indivíduo com bom carácter. Sabe o que ele me disse uma vez? Mandou-me chamar cedo numa manhã de domingo, há mais de um ano, no último mês de Maio, para ser mais preciso. Queria que eu entregasse uma carta por ele. «Sim», respondi. «Fá-lo-ei, mas não posso deixar que as pessoas me vejam com estes sapatos. Se não se importar, vou a casa buscar outro par.» «Não, não se incomode», disse ele. «Ou melhor, a menos que fique com os pés molhados com esses.» Ele até pensou nisso: que eu poderia ficar com os pés molhados com aqueles sapatos! Em seguida, meteu-me uma coroa na mão e deu-me a carta. Quando eu já estava lá fora, voltou a abrir a porta e foi atrás de mim. Tinha a cara toda congestionada quando parei para olhar para ele e vi que tinha lágrimas nos olhos. Em seguida, aproximou-se de mim, pôs o braço à volta da minha cintura e disse: «Entregue a carta, velho amigo. Farei com que valha a pena. Quando tiver sido ordenado e tiver uma paróquia, irá viver comigo. Bem, faça-se ao caminho e boa sorte!» Infelizmente, nunca chegou a ter a sua paróquia, mas, se não tivesse morrido, teria mantido a promessa. Tenho a certeza disso.

– Entregou a carta?

– Sim.

– E a menina Kielland ficou contente por a receber?

– Como sabe que era para a menina Kielland?

– Como sei? Foi o senhor que o disse.

– *Eu* disse? Isso é mentira.

– É mentira? Está a acusar-me de ser mentiroso?

– Peço desculpa. Talvez tenha razão, mas eu não o deveria ter dito; escapou-me simplesmente. Mas eu disse-o *mesmo*?

– Porque não o deveria fazer? Ele proibiu-o de falar nisso a alguém?

– Não, *ele* não.

– E ela?

– Sim.

– Não se preocupe. O segredo ficará a salvo comigo. Mas compreende porque é que ele escolheu esta altura para morrer?

– Não, não percebo. Penso que terá sido o destino.

– Quando é que será enterrado?

– Amanhã ao meio-dia.

Nada mais se disse sobre aquele assunto e, durante algum tempo, nenhum deles falou. Sara enfiou a cabeça pela porta para anunciar que o jantar estava a ser servido. Logo a seguir, Nagel disse:

– Então a menina Kielland está noiva. Como é o seu noivo?

– O tenente Hansen é um belo homem e de boas famílias. Ela ficará muito bem com ele.

– Ele tem dinheiro?

– Sim, o pai dele é extremamente rico.

– É um homem de negócios?

– Não, é um armador de navios. Vive a algumas horas de viagem daqui. A casa não é muito grande, mas ele não precisa de uma maior. Quando o filho está fora, os dois velhotes ficam sozinhos. Também têm uma filha, mas é casada e mora em Inglaterra.

– E quanto acha que o velho Hansen vale?

– Talvez um milhão. Ninguém sabe.

– A riqueza deste mundo está mal distribuída. Gostaria de ter um pouco desse dinheiro, Grøgaard?

– Meu Deus, porquê? Temos de nos sentir satisfeitos com o que temos.

– Isso é o que dizem. Mas gostaria de lhe perguntar uma coisa. Carregar tanto carvão por aí não lhe pode deixar muito tempo para outros trabalhos, pois não? No entanto, não o ouvi perguntar ao gerente se ele tinha mais alguma coisa para fazer hoje?

– Não – disse o Anão, abanando a cabeça.

– Foi lá em baixo, no café. Disse que tinha levado o carvão para a cozinha e perguntou se havia mais alguma coisa para fazer hoje.

– Houve um motivo para isso. Então ouviu-me? O motivo para isso foi o de ter esperança de receber o dinheiro pelo carvão de imediato, mas o de não me ter atrevido a pedir o pagamento de chofre. Só isso. Estamos apertados de momento e tínhamos esperança que nos pagaria.

– De quanto precisaria para sair da alhada em que está? – perguntou Nagel.

– Bom Deus, não! – gritou o Anão. – Nem sequer fale nisso. Já foi mais do que generoso. Precisávamos apenas de seis coroas e agora tenho as suas vinte coroas no meu bolso. Deus o abençoe! Devíamos dinheiro ao merceeiro por causa de batatas e outras coisas. Ele enviou-nos uma conta que nos pesava na cabeça e não sabíamos o que iríamos fazer. Mas agora que o problema está resolvido, podemos dormir de consciência tranquila e encarar o amanhã com ânimo.

Silêncio.

– Bem, talvez seja melhor bebermos e despedirmo-nos por esta noite – disse Nagel, levantando-se. – À sua saúde! Espero que esta não seja a última vez que nos vemos. Tem de voltar para me visitar! É o quarto número sete. Obrigado pela companhia.

As palavras de Nagel pareciam sinceras ao apertar a mão do Anão. Acompanhou o seu convidado pelas escadas abaixo, até à porta da frente e fez uma vénia profunda, erguendo o seu chapéu de feltro, como já anteriormente fizera.

O Anão recuou, curvando-se repetidamente à medida que se aproximava da rua; estava sempre a tentar dizer algo, mas as palavras não lhe saíam.

Quando Nagel entrou na sala de jantar, pediu efusivamente desculpa a Sara por estar atrasado para jantar.

A chegada de um misterioso estrangeiro, de nome Johan Nagal, a uma pequena cidade costeira da Noruega transformará para sempre a aparente vida tranquila e inocente dos seus habitantes. Nagal, indivíduo controverso, com uma personalidade irracional e autodestrutiva, simultaneamente um herói e um charlatão, estabelecerá uma relação especial com Grøgaard, o Anão, personagem repudiada por todos. Com a involuntária ajuda deste exporá todos os segredos da pequena comunidade, fazendo emergir os seus instintos mais negros e os seus desejos reprimidos, para depois desaparecer logo a seguir, tão misteriosamente como quando surgiu.

Mistérios, pela primeira vez traduzido em português, é unanimemente considerado pela crítica uma das obras fundamentais da literatura mundial e Johan Nagal uma das suas mais enigmáticas e marcantes personagens. Um livro que impressionou os seus contemporâneos pela radical (e polémica) visão do mundo que destila das suas páginas, cuja leitura provoca ainda hoje o mesmo forte impacto no leitor.

«Toda a escola literária moderna do século xx provém de Hamsun. Foram todos seus discípulos: Thomas Mann e Arthur Schnitzler... até mesmo Fitzgerald e Hemingway.»




ISAAC B. SINGER, PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

«*Mistérios* é tão próximo e tão inquietante quanto o nosso sonho (ou pesadelo) da noite passada.»

THE NEW YORK TIMES



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896231729



9 789896 231729 >